ISSN: 2594-6153

# Maquiavel e Nietzsche: Contribuições Éticas e Morais

Raílson da Silva Barboza

Universidade Federal Fluminense - Niterói- RJ, Brasil.
E-mail: railson_barboza@yahoo.it

**Resumo**
O trabalho tem por objetivo analisar as semelhanças no pensamento filosófico entre Maquiavel e Nietzsche, no que tange o assunto da moral e da ética filosófica. Ao tratar do personagem César Bórgia, tido por ambos como referência por romper com a moralidade tradicional herdado pelo cristianismo, procura-se trazer as contribuições que esta análise deixa para o campo ético e moral.

**Palavras-chave:** Maquiavel; Nietzsche; Ética; Moral; pensamento.

## Machiavelli and Nietzsche: Ethical and Moral Contributions

**Abstract**
The work aims to analyze the similarities in philosophical thinking between Machiavelli and Nietzsche, regarding the subject of moral and philosophical ethics. In dealing with the character Cesar Borgia, taken by both as a reference for breaking with the traditional morality inherited by Christianity, we seek to bring the contributions that this analysis leaves to the ethical and moral field.

**Keywords:** Maquiavel; Nietzsche; Ethic; Moral; Thought.

## Introdução

Dois grandes filósofos, cada um com um enfoque próprio, mas que rompem fortemente com a tradição medieval do pensamento ético, são Nicolau Maquiavel e Friedrich Nietzsche. A recusa da base e dos princípios morais do cristianismo faz com que Maquiavel estabeleça, no *Príncipe*, uma forma de gerar valores, como queremos mostrar, semelhante ao desenvolvimento moral aristocrata de Nietzsche.

A filosofia apresentada por Maquiavel dispõe de um *éthos* próprio, rompendo normas e inaugurando, em seu tempo, uma moral que tem como finalidade validar a chegada do indivíduo ao poder, e não menos importante, fazê-lo manter-se no poder. O *éthos* maquiaveliano, em sua originalidade, desenvolve novas noções de virtude. Pode-se pensar que Maquiavel não opõe duas esferas autônomas da ação – a política e a ética – mas que ele opõe duas maneiras de se conceber a ética: uma cristã, fundada na revelação e na consciência, e outra antiga, fundada no respeito ao bem público e às leis da pólis (BIGNOTTO, 2003, p.119). Esse respeito ao bem público e às leis revela a confiança humana na razão e na capacidade de agir com autonomia, buscando explicações racionais baseadas nas experiências

e observações, e não no testemunho da fé (ARANHA, 1993, p.47). A partir daí, as ações individuais do sujeito não são julgadas pelo coeficiente intrínseco da moralidade, mas pelo efeito político causado diante de determinada situação (AMARAL, 2012, p. 26).É bom frisar que Nietzsche, inclusive, cita em uma de suas obras o autor florentino, não escondendo sua admiração pela ideia proposta de "príncipe" que, segundo ele, é uma "cura" do platonismo, talvez, "pela incondicional vontade de não se iludir e enxergar a razão na realidade - não na 'razão', e menos ainda na 'moral' (NIETZSCHE, 2012, Cap. X)

Isso nos autoriza a tomar como exemplo um personagem histórico, citado *cum laude* pelos dois autores, que ultrapassa a barreira da moralidade, construindo uma nova forma de agir autonomamente. Seu nome é César Bórgia. Citado ao longo da obra nietzschiana apenas sete vezes (BILATE, 2014, p.217), Bórgia é citado com mais frequência durante a obra do autor florentino, mas isso não quer dizer que há uma diferença no grau de importância dado a ele pelos autores. Mas, quem foi ele? Por que César Bórgia foi tão exaltado, ao ponto de ser tipo como modelo de príncipe e do conceito que trabalharemos mais adiante, o *além-do-homem*.

**Objetivos**

- Apresentar as semelhanças entre Nietzsche e Maquiavel, no que se refere o agir moral e a ética;
- Trazer a figura histórica de César Bórgia como modelo de rompimento da moralidade tradicional, em Maquiavel e Nietzsche;
- Discorrer sobre as contribuições no campo filosófico à partir da ética e moral à partir dessa semelhança entre os dois filósofos.

**Resultados**

Esse personagem histórico, passar do tempo, com sua ganância e frieza foi aos poucos conquistando Estados, invadindo províncias, anexando riquezas, seguindo o lema de que os fins justificam os mais lamentáveis meios (REINHARDT, 2012, p.195). Aqui, é possível achar certa semelhança nessa forma de agir de César com as palavras de Nietzsche sobre o filósofo, no início de sua *Genealogia da Moral*, como um agente criador de valores, pois "esse descobridor de valores, esse inventor de valores - e sempre empreguei esse termo em seu sentido mais clássico - é um criador porque, ao estabelecer um fim diferente, ele modifica os meios (NIETZSCHE, 2017, p.16). Vale lembrar que Nicolau Maquiavel, em sua *Arte da*

*Guerra*, discorre que qual seja o indivíduo que pratique a guerra como profissão, sendo grande ou pequeno, não será visto como promotor do bem (MAQUIAVEL, 2011, P.12)

As ações tidas como referência à César Bórgia são totalmente adversas ao conteúdo moral tradicional. A ação mediante à circunstância, com finalidade de conquista e domínio sobre o povo, é uma questão que podemos averiguar à luz das ideias elaboradas por Nietzsche acerca da superação dos valores, o que favorece uma leitura conjunta com Maquiavel. Através da nova forma de agir, divorciada da condição moral cristã, nascerá um novo tipo de homem. E aqui tocamos no conceito nietzschiano de *além-do-homem*. A palavra *Übermensch* aparece pela primeira vez em *Assim falou Zaratustra*. O ensinamento prometido pelo personagem durante sua primeira aparição pública, o além-do-homem surge como possibilidade de configuração humana diante do tipo de homem vigente, determinando o lado positivo do nojo pelo homem, já que somente por essa experiência de desprezo pelo humano-decadente se tem condição de aspirar um novo tipo de homem (BILATE, 2014, p.216), pois "o homem é algo que deve ser superado" (NITEZSCHE, 2014, §3). Porém "os fracos, submissos, os que não arriscam e não constroem, os que não confiam em si mesmos, esses pela própria lei da natureza estão condenados a ser vencidos", tendo a alma de escravo não tem o direito de se queixar. Daí, compreendemos que nem todos têm a probabilidade de superação, sendo algo não *a priori*, e como vemos no discurso de Maquiavel ao se referir a influência de um bom governante num território

**Discussão**

Liberto do preceito metafísico cristão, liberto de qualquer imperativo ético, encontramos uma possível semelhança no que tange a criação de valores, sua forma autônoma e laica de decidir e agir, entre o *Príncipe* de Maquiavel e o ideal aristocrático enfatizado por Nietzsche (PESTANO, 2009, p.8). Esta ideia de criação em Maquiavel, por exemplo, é dotado de aristocratismo, sendo condição *sine qua non* para que um príncipe, pois aquele "que não consegue perceber o mal[1] logo de início não é verdadeiramente dotado dessa sabedoria que é própria de apenas alguns homens" (MAQUIAVEL, 2007, p.124)

Esse novo modo de agir virtuosamente pensado por Maquiavel, tendo em vista o bom êxito e manutenção do poder, não é pautado em regras morais cristãs, mas sim na adequação do homem à realidade e ao contexto social pelo qual se passa. A criação de valores, para si,

[1] A palavra "mal", nesse contexto, se refere àquilo que possa prejudicar a ação do príncipe, ou possa até mesmo mostrar sua incapacidade de controlar as adversidades na guerra. (Anotações próprias)

em si, como diz Nietzsche, inspira o alcance da virtude, em Maquiavel. .Em ambos os autores o homem precisa, antes de tudo, superar ideias pré estabelecidas, seja pela moral tradicional ou qualquer modelo comparativo, para assim alcançar o devido progresso. A partir do desenvolvimento das possíveis relações filosóficas entre Maquiavel e Nietzsche, a problemática ética do agir moral ganha importância, bem como suas minuciosas características. Tanto Nietzsche quanto Maquiavel procuram sintetizar a ação do individuo de acordo com sua liberdade, visando sua superação, olhando para o homem como um criador não só de conhecimento, mas de hábitos, comportamentos, que se estendem diante da pluralidade dos indivíduos, de seus comportamentos.

Adentrar nessas ideias é caminhar numa estrada que leva ao conhecimento de uma nova concepção antropológica, desvinculada de uma base metafísica, que coloca o homem como criador e autônomo de suas ações. Para Maquiavel, o homem confia na capacidade de agir com autonomia, por isso ele busca explicações racionais baseadas nas experiências e observações (ARANHA, 1993, p.47). A autonomia das ações é por qual se desenvolve o projeto de construção do novo sentido de virtude, em Maquiavel, e a responsável pela possibilidade de superação do homem em suas ações, em Nietzsche.

Como foi exposto, é de extrema importância a relação entre esses dois grandes filósofos, pois suas ideias geram discussões pertinentes às suas áreas de estudos filosóficos, bem como o agir do homem em seu meio social; sua pluralidade, sua diversidade, em suma, sua liberdade de escolha.

## Conclusões

Tanto em Nietzsche como em Maquiavel há uma ruptura em seus escritos com os valores tradicionais, mesmo cada um tendo linhas de pensamentos por vezes antônimas. Essa problemática é importante, na medida em que faz o leitor aprofundar seus conhecimento como sua visão de mundo, com o seu modo de ver a realidade. Os dois autores, cada um de sua maneira, espera chocar o leitor, prendê-lo, propondo um subjetivismo ético e um novo olhar antropológico. Mesmo em diferentes contextos, com linhas de pensamentos diversas, os dois autores pensam um homem capaz de controlar seu presente e, possivelmente, seu futuro.

**Agradecimentos:** O autor Raílson da Silva Barboza gostaria de agradecer o apoio dado pelos organizadores do evento, à sua família e pela CAPES.

ISSN: 2594-6153

**Referências**

1. Amaral, M. Maquiavel e as relações entre ética e política. *Ensaios Filosóficos*; Volume VI. 2012.

2. Aranha, M L A. *Maquiavel: A Lógica da Força*.1ª Edição, Editora Moderna, São Paulo, 1993.

3. Bignoto, N. *Maquiavel*. 1ª Edição, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

4. Bilate, D. Nietzsche, entre o *Übermensch* e o *Unmensch*. *Cadernos Nietzsche*. Volume I, Nº 34. São Paulo, 2014

5. Maquiavel, N. *A Arte da Guerra.* Tradução de Sally Tilelli. Editora Évora, São Paulo, 2011.

6. _____. *O Príncipe*. Tradução de Fúlvio Lubisco. São Paulo, Editora Jardim dos Livros, 2007.

7. Nietzsche, F W. *A Genealogia da moral*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Editora Vozes, Petrópolis, 2017.

8. _____. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Coleção L&PM Clássicos, 1ª Edição, Porto Alegre, 2014.

9. _____. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução e Notas de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1ª Edição, São Paulo, 2006.

10. Pestano, S A. *Nietzsche e Maquiavel: por uma nobreza além de um príncipe*. Editora e Gráfica/UFPEL, Pelotas, 2009.

11. Reinhardt, V. *Alexandre VI: Bórgia: o Papa Sinistro*; Tradução do original em alemão de Márcia da Costa Huber; Editora Europa, São Paulo, 2012.